

**ESTUDOS DE
MORFOLOGIA
RECORTES E
ABORDAGENS**



Alina Villalva
Edson Rosa de Souza
(organizadores)

**ESTUDOS DE
MORFOLOGIA
RECORTES E
ABORDAGENS**

Tradutores

André Vinícius Lopes Coneglian

Joceli Catarina Stassi-Sé

Juliano Desiderato Antonio

Valéria Vendrame Ferrari

Revisão técnica

Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ISBN 978-85-7591-522-6

Índices para catálogo sistemático:

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2018

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

ALGUMAS NOTAS SOBRE OS USOS DAS FORMAÇÕES COM *TECN(O)-* NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Carlos Alexandre Gonçalves
Isabela Moreira Schmaelter

Introdução

O presente trabalho analisa o formativo *tecn(o)-*, no português do Brasil, à luz de recentes estudos sobre as diferenças entre os principais processos de formação de palavras: composição e derivação (Bauer 2005; Booij 2005; Kastovsky 2009). Entende-se por composição o processo pelo qual se unem radicais ou palavras. Já na derivação, palavras são formadas a partir de uma base (radical ou palavra) acrescida de um afixo.

Derivação e composição podem não apresentar limites tão claramente demarcados como parece, embora seja essa a visão tradicional. Neste artigo, observamos que, a depender do critério utilizado para a distinção, certos formativos podem apresentar comportamento tanto de afixo como de radical. Por isso mesmo, evidenciamos que, em um único formativo, podem

ser compartilhadas características tanto derivacionais quanto composicionais.

Elementos como *bio-*, *homo-* e *eletro-* vêm revelando grande produtividade em novas formações vocabulares na variante brasileira do português, dando mostras de que a recomposição, processo que faz uso de afixoides, constitui operação muito em uso nos últimos tempos.¹ E é justamente o resultado dessa grande produtividade que põe em questão a categorização aristotélica a respeito das fronteiras estabelecidas entre os processos de derivação e composição. Ao analisarmos sua aplicabilidade, observamos que tais elementos se comportam ora como afixo, ora como radical, o que indicia que estamos lidando com fronteiras sensivelmente maleáveis.

Uma visão rígida quanto à classificação desses elementos pode levar a sérios problemas de categorização, podendo estar inseridos no mesmo grupo dois ou mais itens com comportamento bem diferenciado. Baseados nessa constatação, referendamos, aqui, a proposta de estudiosos como Bauer (2005), Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011a): o estabelecimento de um *continuum*, no qual estaria, numa de suas extremidades, a derivação e, na outra, a composição. Com base nas noções de prototipia e radialidade, caras à Linguística Cognitiva (Langacker 1987; Lakoff 1987), um formativo poderia localizar-se ou mais próximo da derivação ou mais aproximado da composição, havendo, também, casos fronteiros, situados mais ao centro do proposto *continuum*.

Com isso, nosso objetivo consiste em comprovar, por meio da análise do formativo *tecn(o)-*, que os limites entre radical e afixo e, conseqüentemente, entre composição e derivação não se dão de

1. É considerável o número de dissertações desenvolvidas sobre o tema no âmbito do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português) e um periódico foi inteiramente dedicado à questão: o número 3 dos *Cadernos do NEMP*, de 2012, com artigos sobre *bio-*, *foto-*, *eletro-* e *tele-*, entre outros.

maneira tão clara e delimitada. Assim, sugerimos que a proposta de *continuum* no processo de formação de palavras constitui solução mais adequada para a questão, uma vez que o formativo porta atributos dos dois processos.

O texto está dividido da seguinte maneira: na próxima seção, enumeramos alguns tipos de formativos polêmicos na discussão a respeito da categorização dos processos de formação de palavras de que participam; na seção 3, estabelecemos as devidas distinções entre *tecno-* e *tecn-*; na sequência, trazemos um panorama de como o formativo *tecno-* é visto na literatura tradicional e iniciamos a análise dos dados para, por fim, na seção 5, apresentarmos a conclusão do trabalho, baseada nos resultados dos testes aplicados, além das palavras finais a respeito da pesquisa.

Para formação do nosso *corpus*, fizemos o levantamento de dados em dicionários gerais (Ferreira 2012; Aulete 1964; Houaiss 2001) e dicionários etimológicos da língua portuguesa (Bueno 1968; Nascentes 1966; Cunha 2010). Recorremos, também, a dicionários eletrônicos (Dicio, Dicionário Global, Michaelis, Priberam), inclusive os em formato *wiki* (Dicionário Informal, Wikicionário), além das diversas publicações na *Internet* em *blogs*, *sites* de instituições, jornais e revistas eletrônicas, entre outras páginas virtuais. Utilizamos, ainda, o *Google Alerta*, ferramenta de busca disponibilizada pelo *Google*, que nos permite receber *e-mails* com endereços de ocorrências do item procurado. Este recurso fora utilizado desde o dia 17 de fevereiro de 2014.

Somando os resultados de busca de todas as fontes mencionadas, o *corpus* é composto por 87 *types* de *tecno-* (excluindo suas ocorrências como forma livre, *tecno*, “tipo de música eletrônica”, ou como radical inicial, *tecn-* (“técnica”), ou medial, *-tecn-* (“zootecnia”). Sempre que necessário, fazemos alusão à frequência de *token* dos itens lexicais que constam do *corpus*, de modo a fornecer, também, algum controle sobre o uso (generalizado ou não) da nova construção.

Elementos de difícil classificação

A principal distinção entre derivação e composição diz respeito ao estatuto morfológico das unidades constituintes. Na derivação, o que se tem é a união de um radical/palavra a um afixo. Já na composição essa união ocorre entre dois radicais/palavras. No entanto, certas unidades morfológicas apresentam comportamento oscilante, tornando dificultosa a tarefa de classificá-las ou como afixo ou como radical, e, por conseguinte, determinar se suas formações vocabulares se dão a partir do processo de derivação ou de composição, uma vez que o estatuto morfológico dos itens envolvidos é o que determina a operação. Assim, elementos do tipo afixoide, *splinter*, bem como os neoclássicos e os chamados xen constituíntes (Gonçalves e Almeida 2012), configuram formativos complexos no que diz respeito à categorização. Vejamos a seguir cada uma dessas unidades problemáticas em termos de categorização nos moldes clássicos/aristotélicos, ou seja, com base no “é X/não é Y” (Kastovsky 2009).

Afixoide constitui a nomenclatura utilizada em referência a afixos não nucleares, isto é, elementos não prototípicos que exibem propriedades semelhantes e distintas da categoria *afixo*. Gonçalves (2011a) ressalta que “a postulação de afixoides, por si só, evidencia a imprecisão e a maleabilidade das fronteiras entre composição e derivação. Dito de outra maneira, afixoides constituem um recurso descritivo válido para segregar os dois processos” (Gonçalves 2011a, pp. 64-65). Sendo assim, afixoide pode ser definido como um recurso terminológico para designar elementos em processo de gramaticalização por redução (Lehmann 1991, p. 493),² caracterizado pela não precisão de seu estatuto morfológico.

2. Os três efeitos da gramaticalização por redução, destacados em Lehmann (*op. cit.*), são os seguintes: (a) passagem de um elemento menos gramatical para um elemento mais gramatical; (b) perda de características fonológicas (erosão/atricção fonológica, mudança segmental ou suprasegmental) e se-

A detecção desse tipo de formativo evidencia, assim, a ausência de rigidez na demarcação das fronteiras entre composição e derivação, uma vez que a própria tradição gramatical (Cunha e Cintra 1985) já reconhece o processo de recomposição, do qual falaremos mais adiante. Exemplos de prefixoides em uso no português brasileiro contemporâneo aparecem em (1), a seguir, extraídos de Gonçalves (2012a):

- | | | | | |
|-----|-------------|--------------|-----------------|-------------|
| (1) | eco-turismo | homo-afetivo | bio-combustível | tele-sexo |
| | aero-Lula | auto-peças | tecno-macumba | petro-dólar |

Outro caso representativo de formativos difíceis de categorizar é o dos *splinters*: pedaços de palavras que passam a ser utilizados como elementos lexicais. No português brasileiro, temos *splinters* em *-drasta* e *-trocínio*, por exemplo. De acordo com Rundblad e Kronenfeld (2000, p. 28), o fenômeno pode ser visto como uma espécie de etimologia popular (*folk etymology*): “palavras opacas são, curiosamente, na medida em que suas formas permitem, muitas vezes reinterpretadas como compostos ou afixações que consistem de duas partes”, a exemplo de *madrasta* e *patrocínio*, analisadas como *má-drasta* e *pa(i)-trocínio*, o que licencia as formas em (2).

- (2) sogradrasta, irmãdrasta, tiadrasta, avódrasta, paidrasto, primadrata
trotrocínio, mãetrocínio, avôtrocinio, irmãotrocínio, autotrocínio

Semelhantemente aos radicais, os elementos em (2) possuem acento próprio. No entanto, assim como os afixos, *splinters* também se submetem à regra de restrição posicional, estando tanto *-drasta* quanto *-trocínio* limitados à segunda posição. Dessa maneira,

mânticas (extensões polissêmicas); e (c) diminuição da liberdade de manipulação do elemento, que se integra a um paradigma, tornando-se cada vez mais regular em certas construções e ocupando posição mais fixa.

observamos, no caso dos *splinters*, mais um argumento que reforça visão contrária à concepção aristotélica a respeito do binômio derivação-composição.

Outro caso de palavras complexas envolvendo formativos de difícil categorização é o dos xenoconstituintes. Conforme a definição que Gonçalves e Almeida (2012) apresentam, denominam-se xenoconstituintes os *splinters* do inglês que funcionam como elementos formadores de novas palavras na língua portuguesa. Combinados a formas nativas, esses itens lexicais são empregados de acordo com o sistema vernáculo de formação de palavras, devido à sua grande circulação, especialmente na *Internet*.

Algumas formações com xenoconstituintes em português envolvem as partículas *pit-* e *-burguer*. O primeiro se aplica como associação do nome dado à raça canina *pitbull*. Em decorrência da agressividade que cães dessa raça costumam apresentar, o elemento passou a ser utilizado para designar seres de comportamento agressivo, como ‘pitbicha’ (“gay agressivo, violento”) e ‘pitmãe’ (“mãe agressiva, violenta”). Já com o elemento *-burguer* o que temos é uma reinterpretação do formativo de língua inglesa *burger*, *splinter* já no inglês, a partir do qual se formam palavras em língua portuguesa referentes a sanduíches que contenham hambúrguer, como ocorre em ‘X-burguer’ (“sanduíche com hambúrguer e queijo”, sendo o queijo representado por X, por conta da pronúncia de *cheese*, “queijo”) e ‘franbúrguer’ (“hambúrguer com/de frango”). Interessante ressaltar que, no português do Brasil, o sanduíche passa a ser representado por X ([‘fij’]), em formações recentes como ‘X-tudo’ (“sanduíche de hambúrguer misturado com vários ingredientes”), ‘X-salada’ (“sanduíche de hambúrguer com alface e tomate”) e ‘X-bacon’ (“sanduíche de hambúrguer com bacon”), entre tantos outros.

Observamos que tanto *pit-* quanto *-burguer* e X-, obedecem à regra de restrição posicional, com *pit-* e X- sempre à esquerda e *-burguer* sempre à direita, o que constitui uma propriedade marcante dos afixos. Isso motivaria a alocação das construções de que

xenoconstituintes participam na categoria das formações derivadas. Entretanto, esses itens se distanciam da derivação prototípica na medida em que assumem o sentido das palavras das quais foram retirados e, assim como os *splinters*, assemelham-se a elementos composicionais. Assim, evidenciamos mais uma ocorrência de casos limítrofes entre os dois processos.

Por fim, uma categoria bastante expressiva no conjunto de formativos de classificação problemática é a dos neoclássicos. Nesse grupo, estão os elementos de origem grega ou latina que geralmente não aparecem como forma livre na língua, como se vê em (3):

(3) Origem grega: *antropo-*, *bio-*, *eco-*, *-metro*, *-nomo*, *-teca*.

Origem latina: *ego-*, *retro-*, *sócio-*, *-cida*, *-fero*, *-cola*.

De acordo com a definição de Ludeling (2009), os neoclássicos são formas de origem grega ou latina que não foram totalmente assimilados na língua que os abrigou. Assim, esses itens não se resumem tão somente a formativos de origem clássica (grega ou latina), mas possuem configuração própria frente aos constituintes propriamente nativos.

Elementos dessa natureza são recorrentes na formação de internacionalismos, o que significa que se mostram produtivos no vocabulário técnico-científico e filosófico-literário universal. A terminologia própria da área da ciência, da tecnologia e das artes em geral revela o emprego de formas inspiradas tanto no grego quanto no latim na formação de novos itens lexicais.

No que diz respeito à configuração morfológica, Ludeling (2009) afirma que, pelo que se tem pesquisado sobre os neoclássicos na literatura recente, tais partículas não têm o mesmo estatuto em todas as línguas em que foram introduzidos, por conta da criação manufaturada de nomes científicos pretensamente universais (final do século XIX e início do século XX). Algumas

os classificam como fósseis morfológicos (como o alemão), outras como elementos recorrentes e produtivos na formação de novas palavras (como o inglês). Essa variedade de análises aplicadas aos neoclássicos não possibilita a determinação de um único estatuto para esses itens, podendo ser interpretados: (a) como afixos, (b) como radicais, (c) nem como afixo nem como radical ou, ainda, (d) como um elemento de fronteira entre afixo e radical (Amiot e Dal 2004). Nisso reflete a dificuldade de classificação das formações das quais os neoclássicos participam, o que reduz a possibilidade de classificar essas construções como derivadas ou compostas. Assim, concordamos com Bauer (2005, p. 105), quando ele afirma que “o rótulo ‘composto neoclássico’ se mostra inadequado, uma vez que um composto neoclássico não é um composto (de acordo com leitura normal da palavra), sendo mais um problema terminológico do que um problema de substância”.

Gonçalves (2011b, p. 9) enumera as diversas nomenclaturas que se aplicam aos formativos da chamada “composição neoclássica”, o que de fato revela a imprecisão categorial nas várias línguas:

raízes neoclássicas (Scalise 1984); raízes de fronteira (tem Hacken 1994); afixoide (Marchand 1969); semiafixos (Schmidt 1987); pseudoafixos (Katamba 1990); formas combinatórias iniciais/finais (Bauer 1988); confixos (Martinet 1979); arqueoconstituintes (Corbin 2001); afixos (Bauer 1979).

Ainda de acordo com Gonçalves (2011b), em português, esses itens não dispõem de características em comum o suficiente para formarem uma classe própria, dado o comportamento distinto que apresentam. Constatamos então que, numa mesma língua, os elementos de origem clássica oriundos da cunhagem universal de tecnicismos (*antropo-*, *-filo*, *ξoo-*, *-cídio*) variam na sua configuração, a depender, por exemplo, de restrições posicionais e da natureza do significado que atualizam. Passemos, então, à descrição de *tecno-*, mais um elemento de categorização difícil.

Distinção entre tecno- e tecn-

Além de apresentar um formativo de difícil categorização no que diz respeito ao seu estatuto morfológico, a análise torna necessário o esclarecimento da distinção entre *tecno-* e *tecn-*. Já mencionamos que *tecno-* ainda hoje aparece vinculado ao sentido de “técnica, arte, habilidade, ofício”. Essa acepção, porém, se manifesta mais intensamente por meio da forma *tecn-*. Diferente das variantes semânticas que as formações com *tecno-* apresentam, a totalidade de dados recolhidos nesta pesquisa, seja com *tecn-* (posição inicial), seja com ou *-tecn-* (posição medial), deixa clara a exclusividade do formativo na designação original, como se vê na Tabela 1, a seguir:

TABELA 1 – Palavras com *tecn-* ou *-tecn-*.

PALAVRA	DEFINIÇÃO	FONTE
Heterotecnia	“Divergência nas técnicas, práticas ou processos empregados.”	<i>Novo dicionário da língua portuguesa</i> , Aurélio
Pirotecnia	“arte ou técnica de usar fogo ou explosivos; pirologia”.	<i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i>
Tecnia	“s. f. Técnica, arte. Gr. tekhnè, arte e sufixo -ia”	<i>Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa</i> , Silveira Bueno
Técnica	“1. A parte material ou o conjunto de processos de uma arte: <i>técnica operária; técnica jurídica</i> . 2. Maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo: <i>Este aluno tem uma técnica muito sua de estudar</i> . 3. Prática”.	<i>Novo dicionário da língua portuguesa</i> , Aurélio
Tecnicidade	‘Habilidade, conhecimento prático dos princípios da técnica. Imitação do fr. <i>technicité</i> ’.	<i>Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa</i> , Silveira Bueno

Tecnicismo	“O mesmo que tecnicidade. Nomenclatura. Conjunto de termos próprios de determinada técnica industrial, literária.”	<i>Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa</i> , Silveira Bueno
Tecnicista	“s2g. 1. Pessoa adepta ou praticante do tecnicismo; que tende ao uso de excessiva tecnicidade. 2. Ref., inerente a, ou próprio do tecnicismo (postura tecnicista; modelo tecnicista).”	<i>Dicionário Online.net</i> – Google
Técnico	“adj. do gr. <i>technikós</i> , ‘relativo a uma arte, próprio de uma arte, técnico; industrioso, hábil; feito com arte; artificial, pelo lat. <i>technū-</i> , que, no entanto, só se documenta como s. m. (‘especialista, técnico numa arte’); por via culta.”	<i>Dicionário etimológico da língua portuguesa</i> , J. P. Machado
Tecnicolor	“Adj. ‘diz-se de certo processo de cinema em cores’ século XX. Do inglês <i>technicolor</i> ”.	<i>Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa</i> , Antônio Geraldo da Cunha
Tecnismo	“influência das artes”	<i>Dicionário contemporâneo da língua portuguesa</i> , Caldas Aulete
Zootecnia	“Arte de criar e aperfeiçoar animais domésticos.”	<i>Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa</i> , Silveira Bueno

Outra distinção entre *tecno-* e *tecn-* diz respeito ao elemento a que se ligam, na condição de formativos de primeira posição. *Tecn-* restringe à combinação com sufixos, sobretudo *-ia*, *-ico*, *-ista* e *-ismo*, como mostram os exemplos alocados na primeira coluna da Tabela 1. Além disso, nas construções com *tecn-*, a vogal tende a ser fechada,³ [e], o que não ocorre nos casos com *tecno-*, nas quais se

3. Na verdade, a vogal em questão aparece na posição pretônica, ajustando-se, portanto, à regra de neutralização, com a qual a abertura das médias deixa

observa a abertura da vogal, [ɔ], independente do constituinte com que essa partícula se combine.

A presença da vogal *-o-*, que não aparece somente em *tecno-* mas também em *morfo-*, *astro-* e *antropo-*, entre outros, é uma discussão frequente entre os estudiosos da morfologia. De acordo com Ralli (2008b, 2009) e Ralli e Raftopoulou (1999), no grego antigo essa vogal tinha a configuração de vogal temática e, ao longo de sua evolução, transformou-se em um elemento marcador de compostos. Bauer (1998) sugere que a vogal seja parte do constituinte inicial, uma vez que no idioma de origem possuía estatuto de vogal temática, além de aparecer retraída em abreviações, como ‘moto’, de ‘motocicleta’. Já Baeskow (2004) considera a vogal *-o-* como elemento de ligação, já que aparece também em formações híbridas, como ‘filmography’ (“filmografia”) e ‘pornography’ (“pornografia”), e em casos de sufixação a vogal desaparece, como em ‘morphemic’ (“morfêmico”). Em Gonçalves (2011b), com base em dados encontrados em Belchor (2009), o autor aponta que em português a referida vogal sempre aparece em elementos truncados, como em ‘hetero(sexual)’, ‘psico(logia)’ e ‘fono(audiologia)’, ainda que não defenda explicitamente, como Bauer (1998), ser constituinte do primeiro radical.

Sendo assim, embora em algumas palavras *tecno-* ainda preserve o significado original, a grande maioria das formações que vêm surgindo no português brasileiro apresenta esse item como forma truncada, configurando uma estrutura recomposta. Mediante isso, ao menos por ora, apresentamos como possível razão para a presença da vogal *-o-* nas construções *tecno-X* o fato de ser uma estrutura submetida ao processo de truncamento.

de ser contrastiva (Mattoso Câmara Jr. 1971). Com o sufixo *-ico*, um dos poucos átonos na língua (e chamado de acento-repelente por Cagliari 1998), aplica-se a regra da neutralização das tônicas (Wetzels 1995), em função do chamado abaixamento dactílico, com o qual as médias se realizam abertas quando portam acento em proparoxítonos.

Sinalizadas as devidas diferenças entre *tecno-* e *tecn-*, restringimo-nos a investigar, neste texto, apenas os casos com *tecno-*. Optamos por essa análise, tendo em vista o fato de *tecno-* manifestar maior complexidade no que diz respeito à análise morfológica na língua portuguesa, considerando inclusive suas diferentes acepções.

Assumimos, portanto, que *tecno-* aparece em casos de recomposição. Recompostos são formas resultantes de palavras encurtadas, ou seja, que sofreram *clipping*, e, numa relação metonímica, passam a carregar isoladamente todo significado da palavra-fonte original. São exemplos de formativos da recomposição em português *foto-* e *auto-*. Em palavras como ‘fotonovela’ e ‘fotomontagem’, o elemento *foto-* está relacionado ao significado “fotografia”, e não ao significado original do formativo, o qual remete a “luz”, “radiação magnética”. O mesmo acontece em palavras como ‘autoescola’ e ‘autopeças’, nas quais *auto-* se refere a “carro”, não remetendo ao significado etimológico, “por si só”, como em ‘autoatendimento’ e ‘autoajuda’.

Gonçalves (2011a) mostra que os recompostos apresentam alto grau de produtividade na língua portuguesa. Sendo assim, considerando esse dado como próprio de formações derivacionais, certamente distanciaríamos a recomposição da composição prototípica e classificaríamos a recomposição como um fenômeno dentro da derivação. Contudo, as formações das quais os elementos recompostos participam se dão em palavras prosódicas claramente distintas, inclusive pela abertura da vogal média no primeiro constituinte, a exemplo do que ocorre em (4):

- (4) f[o]tografia → f[ɔ]tonovela, f[ɔ]tomensagem
t[e]lêfone → t[ɛ]lêmensagem, t[ɛ]lêlista
t[e]lêvisão → t[ɛ]lêdramaturgia, t[ɛ]lênovela

Ao que tudo indica, o formativo *tecno-* se enquadra nesse tipo de processo. Veremos mais adiante que a raiz etimológica

desse elemento diz respeito a “arte”, “técnica”, “habilidade”, como as antigas formações listadas na Tabela 1. No entanto, embora encontremos essa significação no emprego de *tecno-* em palavras atuais, outras formações recentes têm revelado o elemento vinculado ao sentido de “tecnologia”, sendo esta palavra também submetida a uma mudança de significado ao longo do tempo. Assim, *tecno-* consiste numa parte da palavra ‘tecnologia’ capaz de conter em si a significação total dessa forma-fonte. Está configurada, portanto, a metonímia formal e, conseqüentemente, o mecanismo da recomposição.

Além de mudanças de significação, alterações em nível morfológico também ocorrem com certos formativos. De acordo com Bauer (2005), mudanças no comportamento de alguns itens lexicais ao longo da história revelam a possibilidade de elementos que outrora configuravam afixos poderem apresentar características de radicais, ou vice-versa, no processo de gramaticalização.⁴ Para Bauer (2005), essa possibilidade de transição é o dado principal de respaldo à ideia de imprecisão das fronteiras entre derivação e composição, uma vez que um formativo pode apresentar alteração em seu estatuto morfológico ao longo do tempo.

Sobre a natureza das formações tecno-X

Pouco se vê de análises referentes ao elemento aqui abordado na literatura sobre o português. Dentre as gramáticas

4. Neste artigo, assumimos a definição de Castilho (1997, p. 31): “a gramaticalização ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (=recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como conseqüência de uma cristalização extrema”.

tradicionais mais conhecidas, encontramos alguma referência a *tecno-* apenas em Cunha (1992), que apresenta o formativo na lista dos principais compostos eruditos gregos.⁵ No entanto, pela complexidade que seu comportamento em formações mais recentes vem apresentando, são mínimas as referências a esse constituinte não apenas nas gramáticas do português, mas também em manuais de morfologia ou mesmo em artigos de divulgação científica.

Os principais dicionaristas de língua portuguesa definem *tecno-* como elemento da composição que exprime a ideia de “técnica, arte, habilidade, ofício”. No entanto, novas significações têm sido atribuídas ao formativo, incluindo aquelas disponíveis na *Internet*, em dicionários em formato *wiki*, nos quais as definições são inseridas pelos próprios usuários virtuais. Esses dicionários indicam que *tecno*, como forma livre, também diz respeito a um tipo de música eletrônica dançante.

Vale ressaltar que a música eletrônica é um gênero musical de vertentes variadas. Uma dessas vertentes é o *tecno*, termo adquirido do inglês *techno* e utilizado em novas formações do português brasileiro para designar “música eletrônica” em geral (“tecnobrega”, ‘tecnogode’, ‘tecnofunk’).⁶ A música *tecno* caracteriza-se por ser um tipo de música eletrônica mais batida e com menos ou nenhuma presença vocal.

Do ponto de vista linguístico, *tecno-*, enquanto estilo de música, apresenta a particularidade de poder ser utilizado isoladamente. Veremos mais adiante que constitui um elemento que pode funcionar tanto no interior de construções complexas,

5. Bechara (1986) faz referência apenas a *técne – téchne*, expressando “arte”, e exemplifica com a palavra “politécnico”. Para ele, o elemento localiza-se na lista dos principais radicais gregos usados no português.

6. Para deixar o texto mais fluido, optamos por apresentar, em anexo, cada uma das palavras que compõem o *corpus*, ressaltando tanto seu significado quanto a fonte de onde foram extraídas.

como em ‘tecnobrega’ e ‘tecno samba’, quanto como forma livre, a exemplo da propaganda a seguir:

- (5) “As melhores músicas *tecno* estão aqui”
(<http://som13.com.br/musicas-tecno>).

Além desse novo sentido atribuído ao formativo na língua portuguesa, quase um xenoconstituente por conta do empréstimo do inglês, novos vocábulos produzidos com esse elemento apontam, ainda, para um novo direcionamento quanto à significação. Os avanços na área da tecnologia digital, cibernética e multimidiática têm impulsionado a criação de novos termos com a participação de *tecno-* portando significado referente a dado desenvolvimento tecnológico. Esses itens fazem referência a aparelhos, recursos e sistemas de informação (‘tecnoteca’, ‘tecnopoesia’, ‘tecnorevolução’).

Assim, conforme a demanda de novas palavras que dêem conta desse estopim acelerado na tecnologia de ponta, *tecno-* vai adquirindo novas acepções. Embora ainda recorrente na língua, a palavra ‘tecnologia, manufaturada a partir de elementos do grego, *technología*, na época dos internacionalismos, é definida por Antenor Nascentes como “tratado sobre as artes”. Essa acepção não está mais em uso na língua. A utilização do termo ‘tecnologia’ vem fazendo alusão ao ramo da tecnologia de ponta e inovações em produtos com funções cada vez mais especializadas. Em contrapartida, a era digital não eliminou de todo o sentido de “técnica, arte, habilidade, ofício”, do qual *tecno-* outrora fora portador. Palavras como ‘tecnoestrutura’ e ‘tecnoburocracia’ constituem formações recentes nas quais *tecno-* ainda aparece associado especificamente à ideia genérica de “técnica” (mas nunca de “arte”, “habilidade” ou “ofício”).

Diante da diversidade de sentidos atribuídos ao formativo, bem como da quantidade reduzida de referências nas gramáticas e nos manuais de morfologia (por exemplo, Sandmann 1989),

investigamos a seguir o estatuto morfológico do elemento *tecno-* em construções *tecno-X*, verificando se o seu comportamento na variante brasileira do português mais o assemelha a de um afixo ou a de um radical. À luz dos critérios apresentados em Gonçalves e Andrade (2012), estabelecemos as devidas distinções e semelhanças desse formativo em relação aos afixos mais prototípicos. Por se tratar de um elemento de primeira posição, fazemos, ainda, uma análise que põe em questão a categorização das construções das quais *tecno-* participa como sendo resultado de processo ou de prefixação ou de composição.

Aplicação de critérios empíricos

Gonçalves e Andrade (2012) enumeram as principais características que distinguem afixos de radicais. Primeiramente, temos o critério *restrição posicional*. Afixos são elementos que se limitam a ocupar posição fixa na palavra. Nesse sentido, *tecno-* mostra condizente com a classe dos afixos, pois só aparece ocupando a primeira posição em complexos morfológicos, tanto em formações antigas, como ‘tecnologia’ e ‘tecnomorfite’, quanto em construções mais recentes, como ‘tecnoempresário’ e ‘tecnocimento’.⁷

Também em contraste com os radicais, afixos configuram formas presas que, pelo processo de truncamento, são passíveis de se tornarem livres, mas remeterem às formas plenas de quais desgarraram. Ao assumirem metonimicamente o sentido da palavra-fonte, alguns prefixos (*pré-*, *pós-*, *bi-*) e radicais neoclássicos (*gastro-*, *fono-*, *hétero-*) podem representar sozinhos a designação da

7. Ressaltamos que o nosso foco de investigação é exclusivamente o elemento *tecno-*. Ao contrário deste, *tecn-* pode variar na posição, como ocorre em ‘zootecnia’ e ‘pirotecnia’.

palavra complexa de que são constituintes, como nos exemplos em (6). No caso de *tecno-*, na acepção de “tecnológico”, “tecnologia”, não há possibilidade de essa partícula funcionar isoladamente (7):

(6) Fulano acabou de ingressar na pós-(graduação)

Meu time é bi(campeão)

Fui me consultar com um gastro-(enterologista)

Estou fazendo fono-(audiologia)

(7) tecnologia – Ele entende muito de *tecnologia*.

*Ele entende muito *tecno*.

tecnofobia – Ela não mexe nesses aparelhos, parece que tem *tecnofobia*.

*Ela não mexe nesses aparelhos, parece que tem *tecno*.

tecnopolo – Aquela empresa dispõe de um verdadeiro *tecnopolo*.

*Aquela empresa dispõe de um verdadeiro *tecno*.

Entretanto, no sentido de “tipo de música eletrônica”, o formativo se apresenta também como forma livre, carregando em si a acepção de “música tecno”:

(8) “um hedonismo movido a drogas e música *tecno* que turbinou uma geração às voltas com o fantasma da Aids em Londres e Berlim.”. (Folha de São Paulo – <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/34802-fotografo-alemao-expoe-no-mam-cenas-perifericas.shtml>)

“Ecologia e música *tecno* na Amazônia” (site Clique Music – <http://cliquemusic.uol.com.br/materias/ver/ecologia-e-musica-tecno-na-amazonia>)

“Alemãs misturam eletrônica e música clássica para criar *tecno* acústico” (blog Poplink – Uol Blogosfera) -<http://poplink.blogosfera.uol.com.br/2011/11/28/alemaes-misturam-eletronica-e-musica-classica-para-criar-tecno-acustico/>)

Isso nos leva a outro atributo dos afixos, que considera o fato de que, por serem formas presas, esses elementos não possuem autonomia comunicativa, não sendo pareamentos de forma/significado independentes. Assumimos que, na acepção de “música eletrônica”, o formativo constitui forma livre por ser um empréstimo do inglês, língua na qual *tecnbo* constitui unidade lexical independente.

De modo geral, afixos mais prototípicos não constituem palavras prosódicas independentes (Gonçalves 2011a). Nesse aspecto, *tecno-* pode se manifestar como portador de acento próprio, constituindo, assim, palavra prosódica autônoma. Nos exemplos a seguir, representamos os graus de acento seguindo Câmara Jr. (1971), em que 3 sinaliza a tônica, 2 a segunda tônica de um grupo de força, 1 as pretônicas e 0 as postônicas:

(9)	tecnofetichismo	tecnometal
	2 0 1 1 3 0	2 0 1 3

Quando ligados às formas combinatórias⁸ *-filo*, *-grafo*, *-logo*, *-metro*, *-nimo* e *-pole*, *tecno-* se revela desprovido de acento fonológico próprio. Dessa maneira, as palavras abaixo são sempre realizadas como proparoxítonas e o produto, obviamente, comporta um único acento. A vogal inicial de *tecno-*, por ser pretônica (grau 1 de acento, na proposta de Câmara Jr. 1971), pode ser realizada como [e] ou como [ɛ], a depender da abertura do tônica, o que configura um processo de harmonização vocálica:⁹

8. O termo forma combinatória cobre, além dos *splinters*, já referenciados na seção 2, também os radicais neoclássicos em uso nas línguas para as quais foram transplantados (Kastovsky 2009).

9. A pauta acentual das palavras em (10), considerando a epêntese de [i], é 1 1 3 0 0, pois todas teriam cinco sílabas, sendo duas pretônicas (1 1) e duas postônicas (0 0), além da tônica (3), sempre na mesma posição.

- (10) tecnófilo tecnógrafo tecnólogo tecnômetro tecnônimo tecnópole
 [ɛ] [ɛ] [ɛ] [e] [e] [ɛ]

Concluimos, assim, que, quanto à possibilidade de representar comunicação suficiente na língua, *tecno-* se aproxima dos radicais, pois se trata de uma forma presa que não pode passar a ter livre curso na língua a partir do processo de truncamento, sendo a forma livre *tecno*, significando um tipo de música eletrônica, um empréstimo do inglês. No que diz respeito à autonomia prosódica, *tecno-* também se assemelha a um radical, pois, ora se comporta como palavra prosódica independente (‘tecnometria’) ora se realiza sob uma palavra prosódica apenas, com acentuação proparoxítona determinada pelo elemento à direita (‘tecnógrafo’). Nos casos em (10), *tecno-* também equivale a um radical, pois os elementos à direita vêm passando por um processo de gramaticalização, comportando-se, nos dias de hoje, mais como sufixo que como radical (Rondinini 2004; Rondinini e Gonçalves 2007; Gonçalves 2011b).

Vemos, ainda em Gonçalves e Andrade (2012), que afixos se apresentam com funções sintática e semântica pré-determinadas. Sobre essa propriedade, tratamos de cada uma dessas funções separadamente. Quanto à pré-determinação sintática, vê-se que afixos se restringem a produzir formações sempre pertencentes à mesma classe. A respeito disso, *tecno-* tem comportamento de afixo, pois sua combinação com outros elementos cria vocábulos de categoria nominal, isto é, substantivos e adjetivos oriundos desses substantivos:

- (11) empresário (substantivo) => tecnempresário (substantivo)
 mania (substantivo) => tecnomania / maníaco (adjetivo) => tecno-
 maníaco (adjetivo)

Quanto à restrição em nível semântico, ou seja, a estabilidade de significação, *tecno-* apresenta comportamento de radical, tendo

em vista as suas diferentes acepções nas construções de que participa:

- (12) “técnica” – tecnossuporte
“ramo digital ou cibernético da tecnologia de ponta” – tecnocentrismo
“tipo de música eletrônica – tecnoregae

Afixos caracterizam-se ainda por apresentar grande potencial de criar palavras em série (Sandmann 1989). O fato de *tecno-* aludir a significações bastante específicas acaba por reduzir seu potencial de aplicabilidade (Aronoff 1976). Nesse caso, *tecno-* se distancia dos afixos e mostra comportamento semelhante ao dos radicais. O levantamento realizado nos permitiu reunir um total de 85 dados, número bastante inferior ao encontrado em outras análises de formativos em condições semelhantes, como *foto-*, com 441 dados (Souza 2012), e *bio-*, com um total de 325 formações (Vivas 2012).

Outro dado que caracteriza os afixos diz respeito aos significados que atualizam, sendo mais amplos, estendendo assim as possibilidades de combinação com muitas formas da língua. De acordo com esse critério, o formativo *tecno-* é mais uma vez aproximado da categoria dos radicais. Tendo em vista o conteúdo lexical de *tecno-*, observado conforme a sua aplicabilidade, o elemento não porta significação gramatical, como ocorre com os prefixos, os quais exprimem ideias como “antes”, “depois” e “lugar”, por exemplo, e assim configuram as categorias de proposição e advérbio.

Afixos se distinguem ainda por impor restrições sintáticas e semânticas ao elemento ao qual se adjungem. Também analisamos esses dois tipos de restrição separadamente. Até onde pesquisamos, *tecno-* não estabelece restrições em nível semântico ao constituinte ao qual se liga, podendo este ser concreto (“tecnometal”) ou abstrato (“tecnofetichismo”), animado (“tecnomaníaco”) ou inanimado (“tecnocimento”), contável (“tecnopolo”) ou não contável (“tecnopolítica”). Assim, *tecno-* se apresenta novamente como radical.

Já no que diz respeito à restrição sintática, o elemento em questão se limita a combinar-se apenas com substantivos e adjetivos provenientes desses substantivos, como já ressaltamos anteriormente. Esse dado nos leva à conclusão de que *tecno-* também manifesta natureza de afixo, pois corresponde ao critério de imposição sintática.

O parâmetro *combinabilidade* também é levantado em Gonçalves e Andrade (2012). Como aponta Gonçalves (2012b), prefixos combinam-se exclusivamente com palavras, sendo, nesse particular, bastante diferentes de radicais, que se combinam com uma variedade maior de tipos morfológicos. Em nosso *corpus*, *tecno-* não aparece combinado a elementos de uma classe morfológica exclusivo, podendo se ligar a palavras, a formas combinatórias e, até mesmo, a elementos que hoje são considerados sufixos, a exemplo de *-logo* e *-grafo* (Rondinini e Gonçalves 2007), como mostram os exemplos a seguir:

(13) PALAVRAS	F. COMBINATÓRIAS	SPLINTERS	SUFIXOS
tecnomelancolia	tecnofagia	tecnogode	tecnólogo
tecnossociedade	tecnocracia	tecnotrocínio	tecnógrafo
tecnomacumba	tecnoteca	tecnoleto	tecnólatra

Assim, conforme o critério em análise, *tecno-* corresponde à classe dos radicais por não restringir sua combinação a um único tipo morfológico. Por estar em posição inicial, típica de prefixos, esperava-se que tal elemento se combinasse apenas com palavras, o que de fato não ocorreu.

Por fim, Gonçalves e Andrade (2012) apontam para o fato de que os afixos não se submetem às regras de coordenação. Isso significa que esses elementos não permitem a supressão de seu constituinte numa estrutura de coordenação. No caso de *tecno-*, embora não tenhamos encontrado ocorrências que demonstrem o fenômeno, não consideramos impossíveis construções como as listadas a seguir:

- (14) “As novidades do mundo digital incluem um número cada vez maior de pessoas no que podemos chamar de *tecno* e *cibercultura*.”

“O desenvolvimento *tecno* e *biocientífico* da atualidade aponta para uma verdadeira revolução no campo da ciência do século XXI.”

“Dados a respeito da evolução na tecnologia da informação são encontrados em análises na área de *info* e *tecnometria*.”

“Dentre as inovações da música eletrônica podemos destacar o *eletro* e o *tecnoreggae*.”

Evidencia-se, portanto, que as construções em *tecno-X* são passíveis de apagamento em estruturas de coordenação, assim como os radicais.

Nota-se, até então, que de acordo com os onze critérios aqui levantados a respeito dos afixos, baseados em Gonçalves e Andrade (2012), *tecno-* apresenta comportamento de afixo por (a) constituir um elemento estritamente de primeira posição; e (b) configurar uma forma presa sem possibilidade de livre curso na língua; e (c) impor condições quanto à categoria lexical do constituinte hospedeiro.

Entretanto, verificamos que os atributos de radical se manifestam de maneira mais significativa, pelo fato de *tecno-* (a) formar palavra prosódica independente; (b) não apresentar estabilidade semântica em relação ao elemento com que se combina; (c) não manifestar grande potencial de produtividade; (d) possuir significação mais lexical (ser mais denso semanticamente); (e) não impor restrições semânticas ao elemento ao qual se adjunge; (f) combinar-se com uma variedade de tipos morfológicos; e (g) permitir apagamento em estruturas de coordenação. O fato de formar substantivos nos deixa dúvidas em termos de categorização, pois compostos formam sempre nomes, qualquer que seja a categoria sintática dos elementos combinados (Ludeling 2009). Mais adiante, retomamos essa questão, observando o comportamento da prefixação, para assim decidirmos como categorizar *tecno-* em relação a esse critério.

Mediante a análise, evidenciamos que *tecno-* configura mais um radical que um afixo, e, conseqüentemente, palavras formadas por *tecno-* tendem a estar mais próximas dos produtos da composição. No entanto, conforme observado por Gonçalves (2012b), a prefixação é um processo que compartilha de características composicionais. Diferentemente da derivação sufixal, a prefixação por vezes se distancia da derivação e permite classificação enquanto produto da composição, como o fez, por exemplo, Câmara Jr. (1971). Assim, para além da dicotomia composição-derivação, prosseguiremos a presente análise averiguando se construções *tecno-X* podem configurar um caso específico de prefixação.

A categoria dos prefixos tem a particularidade de não representar o núcleo de significação do vocábulo, isto é, não ser a cabeça semântica. Nesse sentido, *tecno-* assume caráter de prefixo, uma vez que sua função é somente a de contribuir com uma informação complementar, como se vê nos exemplos a seguir:

- (15) tecnorevolução – manifestação popular divulgada por meios de aparelhos com recursos voltados para a tecnologia da informação;

tecnofilia – “amor à técnica, gosto da técnica” (Dicionário etimológico da Língua Portuguesa, Silveira Bueno);

tecnoteca – espaço utilização e capacitação para o uso de recursos voltados à informática e tecnologia digital.

Observa-se que todas as definições apresentadas acima partem do elemento da direita para o da esquerda. Atestamos, assim, que, de acordo com esse critério, as formações com *tecno-* correspondem à prefixação, pelo fato de o formativo representar apenas uma informação adicional (é o determinante), não sendo o núcleo semântico da palavra (ou seja, o determinado).

Já mencionamos um aspecto que caracteriza os prefixos: sua condição de combinar-se exclusivamente com palavras. Dessa maneira, reforça-se aqui a semelhança das construções *tecno-X*

com formações a partir da composição, já que o elemento não se limita a adjungir-se somente a palavras, mas também a formas combinatórias, incluindo *splinters*, e elementos hoje considerados sufixos, como exemplificamos com *-logo* e *-grafo*.

Quanto à produtividade, prefixos e sufixos apresentam o mesmo comportamento em oposição aos radicais. Na prefixação, o que temos é um grande potencial na criação de novas palavras produzidas em série. O conjunto de dados obtidos nesta pesquisa aponta que, como ocorre com os elementos participantes de compostos, o formativo *tecno-* não contribui com um conjunto numeroso tão numeroso de palavras, mas de formações consideravelmente isoladas.

Do ponto de vista semântico, prefixos são portadores de significação mais ampla. Como mostra Gonçalves (2012b), embora se assemelhem aos sufixos por apresentarem significados mais gerais, quando comparados a eles, a densidade semântica que os prefixos manifestam é muito menor. Expressar “oposição” (*contra-*), em formações como ‘contradição’, ‘contraceptivo’ e ‘contrafluxo’, é menos específico do que expressar, por exemplo, “inflamação”, como é o caso do sufixo *-ite*, que especifica algum tipo de patologia, como ‘bronquite’, ‘faringite’ e ‘amigdalite’.

Se comparados aos radicais, prefixos se distinguem ainda mais, uma vez que radicais são elementos que atualizam significados bastante diversos. Partindo da perspectiva semântica, portanto, as construções *tecno-X* se apresentam, mais uma vez, como composicionais, tendo em vista o caráter lexical do formativo *tecno-*, ao veicular três acepções semanticamente mais densas que as dos prefixos mais prototípicos.

Dentre as divergências entre prefixação de composição, Gonçalves (2012b) trata ainda da restrição semântica que diz respeito ao conteúdo expresso pelo elemento a que se liga. Prefixos são elementos que exigem de suas bases uma significação pré-determinada, já os radicais não condicionam semanticamente os formativos aos quais se adjungem. Vejamos as construções a seguir:

(16)	tecnobrega	tecnoeconomia	tecnorrebelde	tecnójornalismo
	tecnopedagogia	tecnônimo	tecnomercado	tecnoliteratura
	tecnopolítica	tecnofilia	tecnocapitalismo	tecnoespétaculo
	tecnomedicina	tecnoestresse	tecnovigilância	tecnoerotismo

Observamos, pela lista de palavras em (16), que *tecno-* se liga a formas de sentidos variados, que vão desde gêneros musicais ('tecnobrega'), passando pelo campo das ciências ('tecnopedagogia', 'tecnopolítica', 'tecnomedicina', 'tecnoeconomia'), dos sistemas de nomenclatura ('tecnônimo'), do comportamento humano ('tecnofilia', 'tecnopatía', 'tecnoestresse', 'tecnorrebelde'), das transações comerciais ('tecnoecado'), dos sistemas de organização política e social ('tecnocapitalismo'), recursos de prevenção ('tecnovigilância') até o campo da informação e entretenimento ('tecnójornalismo', 'tecnoliteratura', 'tecnoespétaculo', 'tecnoerotismo'). O critério *restrição semântica* revela, portanto, mais um comportamento composicional das construções de que *tecno-* participa.

Gonçalves (2012b) afirma que, nas estruturas composicionais em língua portuguesa, independente da categoria sintática dos elementos formadores da palavra, a criação é exclusivamente de palavras de categoria nominal. Nesse sentido, prefixos como *re-* em 'reinterpretar' e 'reanimar', e *sobre-* em 'sobreviver' e 'sobrepôr', revelam que os elementos prefixais também participam da formação de verbos, e não só de nomes, como os elementos composicionais.

Nosso *corpus* evidencia que o formativo *tecno-* se combina apenas com nomes, não havendo casos de aplicação do formativo em verbos. Ressalta-se aqui que alguns itens lexicais com estrutura *tecno-X* podem ser categorizados como adjetivos. Tais adjetivos, entretanto, são derivações dos substantivos correspondentes, como podemos observar nas construções em (17):

- (17) tecnomania/tecnomaniaco
 tecnopatía/tecnopático
 tecnocracia/tecnocrata

Sendo assim, por esse critério, incluímos no processo de composição as formações em questão, pelo fato de as construções *tecno-X* configurarem exclusivamente nomes, como os compostos.

De acordo com a análise aqui apresentada, portanto, a partir dos seis critérios levantados com base em Gonçalves (2012b), em apenas um foi verificado estatuto de prefixação. Evidenciamos, assim, que *tecno-* funciona mais como radical e, por conseguinte, suas formações se exibem mais expressivamente como resultados de processo composicional. Contudo, não devemos ignorar o fato de esse formativo também compartilhar características de afixo, o que indica que suas formações, de acordo com a ótica sob a qual se investiga, podem ser entendidas como produtos da prefixação. Nas tabelas a seguir, resume-se a análise com base nos critérios empíricos de Gonçalves e Andrade (2012) e nos parâmetros de Gonçalves (2012b), respectivamente:

TABELA 2 – Afixo ou radical?
 Os critérios de Gonçalves e Andrade (2012)

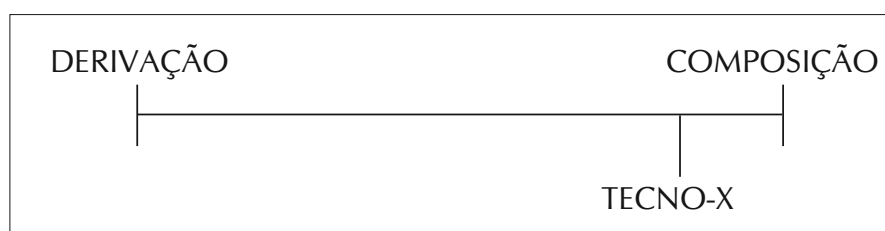
CRITÉRIO	AFIXO	RADICAL
Restrição posicional	X	
Possibilidade de livre curso		X
Autonomia fonológica		X
Função sintática pré-determinada	X	
Restrição semântica		X
Criação de palavras em série		X
Densidade semântica		X
Restrições semânticas ao elemento hospedeiro		X
Restrições sintáticas ao elemento hospedeiro	X	

Combinabilidade		X
Submissão às regras de coordenação		X

TABELA 3 – Prefixação ou composição?
Os critérios de Gonçalves (2012b)

CRITÉRIOS	PREFIXAÇÃO	COMPOSIÇÃO
Cabeça semântica	X	
Combinabilidade		X
Grau de produtividade		X
Especificidade semântica		X
Restrição semântica ao elemento hospedeiro		X
Restrição sintática da palavra produto		X

Nesse sentido, concluímos que, no *continuum* proposto por Kastovsky (2009), *tecno-* se posiciona mais próximo da margem representante da composição. Por apresentar também atributos derivacionais, não nos parece adequado categorizar as formações *tecno-X* como exclusivamente compostas e, por isso, sugerimos que sua localização no *continuum* mantenha pequena distância da composição prototípica, conforme ilustrado no esquema abaixo:



Palavras finais

Se a identificação do tipo de processo de formação de palavras – composição ou derivação – está sujeita à natureza de

seus constituintes (radical/palavra ou afixo), esbarramos naqueles casos em que essa natureza não se faz definida de maneira tão clara. Vimos que afixoides, *splinters*, xenoconstituintes e elementos neoclássicos (formas combinatórias) são formativos que atuam na fronteira radical-afixo.

No entanto, demos enfoque, na demonstração desse fenômeno, à análise do formativo *tecno-*, tradicionalmente considerado um radical. Observamos que se trata de uma partícula de origem clássica, do grego *techne-*, significando “arte, habilidade”, sendo já encontrada em palavras do grego antigo, como ‘tecnologia’ (Cunha 1992). Apontamos para o fato de que *tecno-* vem sendo submetido ao processo de recomposição, uma vez que, em muitas das palavras de que participa, seu significado distancia-se do sentido etimológico e passa a expressar “recursos digitais, cibernéticos”, ou, de modo geral, “aspectos da tecnologia de ponta”.

Entretanto, o sentido original de “técnica” ainda permanece em algumas construções, como é o caso de “tecnoestrutura”, definida pelo Dicionário Houaiss como “comunidade de técnicos que exerce poder em grandes empresas”. Como pudemos destacar, porém, *tecn-* (ou *-tecn-*) é o elemento que permanece mantendo exclusivamente o sentido etimológico, sem a presença da vogal *-o-*. Para além do emprego de *tecno-* no sentido de “técnica, arte habilidade, ofício” ou no sentido de “ramo digital, cibernético, tecnologia de ponta”, esse formativo atualiza ainda um terceiro significado: tipo de música eletrônica.

A oscilação semântica do formativo aqui analisado reforça nosso argumento em favor da não rigidez das fronteiras entre os processos de composição e derivação. Evidenciamos que um mesmo elemento pode manifestar comportamento divergente, dependendo do critério aplicado em sua análise. Se investigarmos, por exemplo, sob a ótica do critério que leva em conta a propriedade dos afixos de serem formas exclusivamente presas, isto é, não constituírem comunicação suficiente sozinhas, quando *tecno-* faz

menção a um tipo de música eletrônica, é classificado como palavra (“música tecno”). Em contrapartida, se *tecno-* é usado no sentido de “tecnologia de ponta”, somos obrigados a interpretá-lo como afixo:

- (18) ?Minha mãe tem, Facebook, Instagram e Twiter... Toda trabalhada na *tecno*.

De acordo isso, se a configuração de certos formativos não pode ser exatamente delimitada como afixo ou como radical, não nos é permitido precisar com a devida clareza as fronteiras que separam a composição da derivação.

O elemento em questão leva-nos a uma série de outras questões a serem levantadas posteriormente. É o caso, por exemplo, de uma investigação mais aprofundada a respeito da presença da vogal *-o-*, bem como da reflexão em nível semântico sobre as diferentes acepções para *tecno-*: se devemos entendê-las como fenômeno de polissemia ou homonímia. Por ora, com base na análise apresentada, a postura que assumimos neste trabalho, portanto, consiste em reafirmar a maleabilidade dos limites entre composição e derivação, argumento defendido por autores como Bauer (2005), Kastovsky (2009) e Ralli (2009). Seguimos assim a proposta de um *continuum* no processo de formação de palavras, partindo das formações derivacionais mais prototípicas, passando pelos casos limítrofes, ou seja, os que compartilham características de ambos os processos, até chegar à composição mais representativa.

Referências

AMIOT, D. e DAL, G. (2007). “Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme-Based Morphology”, *in*: BOOIJ, G. *et*

- al. (eds.) *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. Bolonha: University of Bologna, pp. 322-336.
- BAESKOW, H. (2004). *Lexical Properties of Selected Non-native Morphemes of English*. Tübingen: Gunter Narr.
- BAUER, L. (1998). "Is There a Class of Neoclassical Compounds, and if so is it Productive?" *Linguistics* 36 (3): pp. 403-422.
- _____. (2005). "The borderline between derivation and compounding", in: DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, pp. 97-108.
- BOOIJ, G. (2005). "Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology", in: DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, pp. 109-131.
- BECHARA, E. (1986). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BELCHOR, A. P. V. (2009). *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade*. Dissertação de Mestrado em Letras em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CAGLIARI, L. C. (1998). *Análise Fonológica*. São Paulo: Ed. do Autor. [Reeditado em 2002 pela Editora Mercado de Letras.]
- CÂMARA JR, J. M. (1971). *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- CASTILHO, A. T. de (1997). "A gramaticalização." *Estudos linguísticos e literários*, 19. Salvador: Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA, pp. 25-64.
- CUNHA, C. (1992). *Gramática de língua portuguesa*. 1ª ed. 3ª tiragem. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- GONÇALVES, C. A. (2005). *Flexão e Derivação em Português*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
- _____. (2011a). “Composição e derivação: polos prototípicos de um *Continuum*? Pequeno Estudo de Casos.” *Domínios da Língu@gem*, 5, Uberlândia.
- _____. (2011b). “Compostos Neoclássicos: estrutura e formação.” *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Edição especial, nº 5.
- _____. (2012a). “Atuais tendências em formação de palavras.” *Signum*. Londrina, 15 (1), pp. 169-199.
- _____. (2012b). “Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica.” *Matraga*, vol. 19, nº 30, pp. 142-167.
- GONÇALVES, C. A. e ANDRADE, K. E. (2012). “El *status* de los componentes morfológicos y El *continuum* composición-derivación en português.” *Linguística*, 28 (2), pp. 119-145.
- GONÇALVES, C. A. e ALMEIDA, M. L. L. (2012). “Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenconstituintes em português”, in: MOLLICA, M. (org.) *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Appris, pp. 105-127.
- KASTOVSKY, D. (2009). “Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compound and affixoids”, in: McCONCHIE, R. W. et al. (eds.) *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HELLEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 1-13.
- LEHMANN, C. (1991). “Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German”, in: TRAUGOTT, E. e HEINE, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, pp. 493-535.
- LANGACKER, R. W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar*, vol 1, theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press.

- LAKOFF, G. (1987). *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, Londres: The University of Chicago.
- LUDELING, A. (2009). *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin.
- RALLI, A. (2008b). “Compound Markers and Parametric Variation”. *Sprachtypologie und Universalienforschung* (STUF) 61(1), pp. 19-38.
- _____. (2009). “Hellenic Compounding”, in: LIEBER, R. e STEKAUER, P. (eds.) *The Oxford Handbook of Compounds*. Oxford: Oxford University Press, pp. 453-464.
- RALLI, A. e RAFTOPOULOU, M. (1999). “Compounding in Greek as a Diachronic Phenomenon of Word Formation.” *Greek Language Studies 1998*, pp. 389-403.
- ROCHA LIMA, C. H. da (1992). *Gramática Normativa de Língua Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- RONDININI, R. B. (2004). *Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras.
- RONDININI, R. B. e GONÇALVES, C. A. (2007). “Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação?” *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (APL). Coimbra/Lisboa: Colibri, vol. 22, pp. 533-546.
- RUNDBLAD, G. e KRONENFELD, D. B. (2000). “Folk-Etymology: haphazard perversion or shrewd analogy”. *Lexicology, Semantics and Lexicography* (*Current Issues in Linguistic Theory 194*). Amsterdã: John Benjamins, pp. 19-34.
- SOUZA, C. D. (2012). “Fotofobia, fotogenia, fotomontagem: as construções com *foto-* são compostos ou derivados?” *Cadernos do NEMP*, vol. 1, nº 3, Rio de Janeiro, pp. 27-39.
- SANDMANN, A. J. (1989). *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et labor; Ícone.

- VIVAS, V. M. (2012). “Outro enfoque sobre *bio-*: a recomposição em português.” *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, vol. 1, n° 3, pp. 97-1079.
- WETZELS, L. (1995). “Mid-vowel alternations in the Brazilian Portuguese verb.” *Phonology*, 12 (1): pp. 281-304.

Dicionários consultados

- AULETE, C. (1964). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, vol. V. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Delta S. A.
- BUENO, F. da S. (1968). *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*, vol. 8. 2ª tiragem. São Paulo: Edição Saraiva.
- CUNHA, A. G. (2010). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon.
- FERREIRA, A. B. H. (2012). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. 12ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva.
- NASCENTES, A. (1966). *Dicionário etimológico resumido*. Coleção Dicionários Especializados. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

Significado das construções tecno-x

Palavra	Definição
Tecnobeleza	Recursos tecnológicos voltados para estética e beleza.
Tecnobrega	Gênero musical popular.
Tecnoburocracia	“Estamento gerencial constituído por burocratas alocados em funções técnicas em órgãos ou empresas estatais.”
Tecnocapitalismo	“síntese do capital e tecnologia na atual organização da sociedade”
Tecnocasa	Empresa de grande porte do mercado imobiliário
Tecnocentrismo	“Conceito, visão e atitude em relação à tecnologia, que a coloca como centro de reflexão e nela polariza, positiva ou negativamente, as principais questões da sociedade, de seu desenvolvimento, das relações humanas.”
Tecnociência	“conjunto de pesquisas e aplicações que empregam determinadas ciências e técnicas”
Tecnociência	“conjunto de pesquisas que empregam determinadas ciências e técnicas”
Tecnocimento	“Revestimento cimentício de alta aderência aplicado com uma desempenadeira de aço como uma massa corrida”; “Simplex evolução tecnológica do cimento queimado.”
Tecnocracia	“Sistema de organização política e social baseado na predominância dos técnicos”.
Tecnocrata	“Adepto defensor da tecnocracia.”
Tecnocriança	Termo que faz referência à inserção das crianças no mundo da tecnologia.
Tecnocultura	Conteúdo cultural disponível na internet.
Tecnoeconomia	Ramo da economia que trata de produção tecnológica.
Tecnoemprego	Termo utilizado para referência a empregos na área tecnológica.
Tecnoempresário	Empresários do ramo da tecnologia de ponta.
Tecnoerotismo	Recursos e cenas eróticas transmitidos por aparelhos ou utensílios tecnológicos.
Tecnoespetáculo	Espetáculos desenvolvidos por novas tecnologias de informação e multimídia.

Tecnoestresse	“O impacto causado pela utilização frequente dos produtos da “era digital”.
Tecnoestrutura	“na sociedade moderna, comunidade de técnicos que exerce poder em grandes empresas”.
Tecnofagia	Arte digital que consome.
Tecnofamília	Termo utilizado para se referir à inserção das famílias no mundo da tecnologia
Tecnofestas	Loja virtual de grande porte que oferece produtos para festas.
Tecnofetichismo	Tipo de mentalidade que concede máquinas, especialmente computadores, como superior ao ser humano.
Tecnofilho	Termo utilizado para se referir a filhos atualizados sobre as novidades do mundo da tecnologia.
Tecnofilia	“s.f. Amor à técnica, gosto da técnica de <i>tecno</i> + <i>philos</i> , amigo; suf <i>-ia</i> ”.
Tecnófilo	“Adj. Que gosta da técnica”
Tecnofobia	“medo da tecnologia”
Tecnofunk	“Uma mistura do eletrônico com as nossas músicas que vêm do funk carioca”.
Tecnogode	Pagode com toques de música eletrônica
Tecnografia	“Descrição das artes e dos seus processos.”
Tecnógrafo	“s. do gr. <i>technográphos</i> , ‘autor de um tratado sobre uma arte (gramática, retórica, etc.), pelo lat. <i>technographu-</i> , mesmo sentido”.
Tecnograma	Nomenclatura da área da microbiologia.
Tecnojornalismo	Sistema de transmissão de notícias em formato digital e/ou via internet.
Tecnólatra	Pessoa viciada em produtos tecnológicos
Tecnoleto	“Cada uma das variedades de uma língua que reúne o linguajar e o conjunto do vocabulário us. para expressar a tecnologia e o agir de uma ciência, arte, esporte, área técnica e/ou tecnológica, em qualquer campo específico de conhecimento e/ou profissional.”
Tecnoliteratura	Termo utilizado para designar o acesso de obras literárias e livros em geral por meio da internet.
Tecnólito	“Pedra figurada em que há desenhos representando, mais ou menos fielmente, objetivos utilizados nas artes”.

Tecnologia	"Do gr. <i>Teéchnē</i> "arte", o de ligação, <i>logos</i> "tratado" e suf. <i>-ia</i> ".
Tecnologia	"s. do gr. <i>technología</i> , 'tratado ou dissertação sobre uma arte, exposição das regras de uma arte'.
Tecnólogo	"adj. e s. do gr. <i>technólogos</i> , 'que trata de uma arte ou das regras de uma arte.'"
Tecnomacumba	Batuques de macumba com efeitos de música eletrônica.
Tecnomania	Empresa especializada em produção de equipamentos eletrônicos e digitais.
Tecnomaniaco	"Tecnomaniacos são pessoas compulsivas por possuir as últimas novidades tecnológicas, como pequenos aparelhos celulares, máquinas fotográficas, variações do MP3, computadores, entre muitas outras tentações".
Tecnomástica	" <i>Substantivo feminino</i> 1. Lista ou conjunto de termos técnicos. 2. Parte da Linguística que estuda estes termos."
Tecnomedicina	Sistema de organização de dados sobre cada paciente.
Tecnomelancolia	"Termo utilizado para designar um sentimento de banalidade existencial resultante da busca pela identidade de si mesmo através de recursos tecnológicos."
Tecnomercado	"um protótipo de supermercado moderno, ligado diretamente aos consumidores e fornecedores que dentre outras inovações, possibilita o cliente efetuar o pagamento através da sua impressão digital. (...) A utilização de etiquetas eletrônicas e equipamentos de leitura nas lojas evita a retirada dos produtos do carrinho para a soma e totalização do check-out. Por fim, o abastecimento das lojas é feito a partir de dados enviados via internet do supermercado aos fornecedores."
Tecnometal	Software para detalhamento de estruturas metálicas.
Tecnometria	"por vezes utilizado para designar estudos quantitativos da tecnologia"
Tecnômetro	1. Termo utilizado por um grupo de pesquisadores para recursos tecnológicos de auxílio à prevenção de enchentes ou desastres naturais dessa ordem. 2. "instrumento que mede a qualidade do técnico", (técnico de time de futebol).
Tecnomorfite	"Nome que se dava às pedras que parecem lavradas por arte."
Tecnomotor	Rede de empresas de assistência técnica automotiva.

Tecnonímia	"1 parte da onomástica dedicada ao estudo e à etimologia de tecnônimos; 2 relação, lista de tecnônimos; 3 estudo ou teoria sobre os tecnônimos; 4 livro (ou outro suporte) que contém tal lista ou estudo"
Tecnônimo	"Palavra, sintagma, expressão ou frase do universo da técnica ou da tecnologia; tecnicismo".
Tecnoparásita	Termo utilizado para se referir à dependência à tecnologia.
Tecnopatia	"1. Poder paranormal que permite manipular a tecnologia a seu favor; 2. Doenças ocupacionais relacionadas ao uso de tecnologias."
Tecnopático	"relativo ou pertencente à tecnopatia".
Tecnopedagogia	Utilização de recursos digitais no ensino escolar.
Tecnopoesia	Poesia digital.
Tecnópole	"grande centro urbano que dispõe de grande potencial de ensino e pesquisa, favorável ao desenvolvimento das indústrias de ponta."
Tecnopolítica	1. Relação entre política e as novas tecnologias da era cibernética de acesso à informação. 2. "combinação de ciência e arte no processo de governo. É como combinar cirurgia e anestesia. Fazer a primeira, isolada da segunda, é barbarismo técnico. Fazer a segunda, isolada da primeira, é barbarismo político"
Tecnopolo	"local configurado para acolher empresas de alta tecnologia ou favorecer a sua criação"
Tecnoprofessor	Termo utilizado para designar professores imersos no mundo da tecnologia.
Tecnopsicologia	"é um vocábulo que se refere, de maneira geral, aos estudos realizados pela psicologia acerca dos efeitos da tecnologia na mente humana. (...) O termo <i>tecnopsicologia</i> foi criado recentemente pelo pesquisador e professor Derrick de Kerckhove, e exposto em seu livro intitulado ' <i>A pele da cultura</i> ', para designar um novo campo possível de estudos na área de psicologia, voltado à pesquisa das características psicológicas desenvolvidas pelos indivíduos inseridos em ambientes tecnológicos, constantemente em transformação. Em suas próprias palavras, Kerckhove define a <i>tecnopsicologia</i> como ' <i>o estudo da condição psicológica das pessoas que vivem sob a influência da inovação tecnológica</i> '."
Tecnoreggae	Mistura de reggae com tecnobrega.

Tecnorrebeldes	Termo utilizado para designar manifestantes que utilizam as redes sociais para apoiar e participar de manifestações populares. <i>Tecno-rebeldes</i> – diz-se de hackers e seus semelhantes, que utilizam recursos tecnológicos contra a exploração de poder e democratização da informação, bem como para certos tipos de terrorismo.
Tecnorevolução	Manifestação político-social popular organizada e divulgada por meio dos novos aparelhos tecnológicos de circulação de informações.
Tecnosamba	Gênero musical: samba com toques eletrônicos.
Tecnósporo	“Esporo produzido diretamente nos órgãos masculinos ou femininos das equisetáceas e de alguns fetos.”
Tecnosociedade	Sociedade regida pelas novidades no mundo tecnológico e multimidiático.
Tecnosuporte	Termo presente no nome de algumas empresas de assistência técnica em diversos ramos.
Tecnoteca	Espaço para utilização e capacitação de recursos voltados à informática e tecnologia digital.
Tecnoterrorismo	1. Recursos de tecnologia de ponta aliados a táticas terroristas. 2. Grupos antitecnologias que podem usar até de violência para impedir a evolução. 3. Ação de hackers e ladrões virtuais.
Tecnotrocínio	Patrocínio oriundo de comerciais em <i>sites de internet</i>
Tecnotudo	Site especializado na criação de sites e recurso digitais e informacionais para empresas.
Tecnovigilância	“Tecnovigilância é o sistema de vigilância de eventos adversos e queixas técnicas de produtos para a saúde na fase de pós-comercialização, com vistas a recomendar a adoção de medidas que garantam a proteção e a promoção da saúde da população.”